

MEMÓRIA E IDENTIDADE DO BAIRRO ONDE O SAMBA AMANHECE: O IMPACTO DA ESTAÇÃO DE METRÔ 14 BIS/SARACURA

MEMORY AND IDENTITY OF THE NEIGHBORHOOD WHERE SAMBA ARISES: THE IMPACT OF THE 14 BIS/SARACURA METRO STATION

Bárbara de Souza Camargo¹
Martin Jayo²

RESUMO: O objetivo do trabalho consistiu em compreender e registrar como a expulsão da escola de samba Vai-Vai, para a construção de uma estação de metrô, foi vivenciada pela comunidade identificada com esse importante lugar de memória do bairro paulistano do Bixiga. Como recurso metodológico, realizamos entrevistas em profundidade com seis atores sociais do bairro cujas histórias de vida estão ligadas ao samba e/ou a coletivos culturais do bairro. A análise, guiada pelo Modelo Analítico para Estudo da Consciência Política, de Salvador Sandoval (1994), deixa evidente o sentimento de injustiça presente na comunidade, que avalia que as perdas causadas à memória e à identidade do bairro poderiam ter sido evitadas.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio cultural; Memória urbana; Samba; Vai-Vai; Bixiga.

ABSTRACT:

The objective of the work was to understand and record how the expulsion of the Vai-Vai samba school for the construction of a subway station was experienced by the local community identified with this ancient memory site in the São Paulo neighborhood of Bixiga. As a methodological resource we carried out in-depth interviews with six social actors from the neighborhood whose life stories are linked to samba and/or to local cultural collectives. The analysis, guided by Salvador Sandoval's (1994) Analytical Model for the Study of Political Consciousness, makes evident the feeling of injustice present in the community, for whom the losses caused to the memory and identity of the neighborhood could have been avoided.

KEYWORDS: Cultural heritage; City memory; Samba; Vai-Vai; Bixiga.

¹ Graduada em Gestão de Políticas Públicas pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH-USP). Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-0326-6402> E-mail: babicamargo@usp.br

² Doutorado em Administração de Empresas (FGV-SP). Universidade de São Paulo. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0241-9687> E-mail: martin.jayo@usp.br



10.23925/2176-4174.35.2025e71437

Recebido em: 26/04/2025.

Aprovado em: 27/04/2025

Publicado em: 27/04/2025

Introdução

Fiquei sem o terreiro da Escola
Já não posso mais sambar
[...]
Surgiu um viaduto, é progresso
Eu não posso protestar
Adeus, berço do samba
Eu vou-me embora
Vou sambar noutro lugar
(Geraldo Filme)

Os versos acima, de autoria do sambista e militante negro Geraldo Filme (1927-1995), são um lamento pela construção de um viaduto inaugurado em 1959 na região da Barra Funda, na capital paulista. A obra, uma estrutura de concreto de cerca de 300 metros de comprimento, transpondo os trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana e comunicando a Avenida Pacaembu à Ponte da Casa Verde, foi erguida sobre o Largo da Banana, tradicional espaço de sociabilidade negra. Entre os moradores e frequentadores do largo destruído, foi expulso dali aquele que é tido como o primeiro cordão carnavalesco da cidade, o Camisa Verde e Branco (Faustino, 2016; Siqueira, 2022), que precisou ir “sambar noutro lugar”.

Quase sete décadas depois dos eventos, o lamento eternizado nesse samba nos permite acessar algo do que a coletividade expulsa experimentou. A letra exprime o desconforto, a desilusão e o sentimento de injustiça vividos pelos que ali não puderam mais sambar. É um documento especialmente relevante, se levarmos a escassez ou mesmo inexistência de outros. A experiência da expulsão, pela ótica dos expulsos, não ficou documentada em outros suportes estáveis. Relatos orais também não são mais acessíveis, com seus portadores tendo-se extinguido ou dispersado com o tempo.

Em 2021, a história cantada por Geraldo Filme se repetiu em outro reduto negro da cidade. O cenário, desta vez, foi o bairro do Bixiga, e quem se viu desalojado, não

por um viaduto para os carros, mas por uma estação para o metrô, foi o Grêmio Recreativo Cultural e Social Escola de Samba Vai-Vai.

A estação 14 Bis/Saracura, que fará parte da futura Linha 6-Laranja, assim como o viaduto dos anos 1950, nasce justificada pela necessidade de aumentar a mobilidade urbana. E, também como no caso anterior, obrigou a comunidade local a deixar um tradicional local de reunião. Perdeu-se a quadra da escola de samba, importante marco da identidade e memória locais. Mais do que uma curiosa coincidência, os dois casos tão semelhantes talvez possam ser vistos como manifestação de algo que se manteve pouco alterado ao longo dos quase 70 anos que os separam: o desprezo da sociedade hegemônica e do poder público pelo patrimônio cultural e por espaços de identidade e memória de grupos minorizados – aqueles que historicamente, como cantou Geraldo Filme, “não podem protestar”.

A comunidade recém-desalojada no Bixiga, entretanto, ao contrário da do Largo da Banana, encontra-se acessível e desejosa de falar. Em que pese a derrota que sofreu – o grêmio teve seu barracão demolido e se viu efetivamente expulso do lugar – há um movimento bastante articulado por atores da sociedade civil ligados ao samba, ao movimento negro e ao bairro, com fortes reivindicações memoriais. Se as vozes da Barra Funda de 1959 encontraram poucos meios de fazer-se ouvir, as do Bixiga de hoje ainda são passíveis de escuta e registro. É isto que nos leva ao objetivo do presente trabalho, que consiste em compreender como a recente expulsão da escola de samba Vai-Vai foi percebida pelos atores locais, neste que era um dos mais antigos locais de ocupação negra da cidade, e quais impactos eles percebem para a identidade cultural do local. Ao historiador do futuro, esses atores certamente legarão bem mais do que um lamento isolado registrado em letra de samba. E aos do presente – nosso caso – eles oferecem uma memória recente e ainda vívida da expulsão.

O projeto de escuta: desenho teórico-metodológico

Para fazer frente a esse objetivo, empreendemos a coleta de depoimentos orais. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa de baseou em entrevistas com atores que tivessem suas histórias de vida ligadas à escola de samba Vai-Vai e/ou a coletivos culturais do bairro. Foram contatadas dez pessoas, das quais seis, identificadas no Quadro 1, aceitaram o convite. Considerando que o ambiente em que uma entrevista ocorre pode ajudar a disparar lembranças e emoções, optamos por

realizá-las no próprio bairro, em um café localizado na rua Treze de Maio, conhecido como “lugar de esquerda” e palco frequente de discussões políticas. A escolha se deu em função do nosso interesse de captar sentimentos de cunho político, relacionados ao pertencimento das pessoas ao lugar. Todos os entrevistados autorizaram a gravação da entrevista e a menção ao seu nome.

Quadro 1- Pessoas entrevistadas.

Nome	Perfil	Data da entrevista
Adriana Casarotto Terra	39 anos de idade, jornalista. Identifica-se como branca, reside do bairro há 19 anos e era frequentadora da quadra do Vai-Vai até sua demolição.	16/05/2024
Raphael Sales Maciel	25 anos, estudante e escritor, branco, nascido e criado no bairro, membro do Vai-Vai, frequentador da quadra desde a infância.	22/05/2024
Antônio Carlos Júnior	44 anos, treinador esportivo, negro, nascido e criado no bairro, presidente do projeto Arena Bela Vista (coletivo local de esportes).	23/05/2024
Thobias do Vai-Vai	66 anos, negro, morador do bairro há 40 anos, ex-presidente e atual presidente de honra do Vai-Vai.	23/05/2024
Caio Toledo	36 anos, gerente de vendas, pardo, nascido e criado no bairro, membro do Vai-Vai.	24/05/2024
Liah Belmonte	31 anos, historiadora, não-branca, moradora do bairro há 9 anos, frequentadora do Vai-Vai desde a infância. Seu pai era membro da escola de samba	28/05/2024

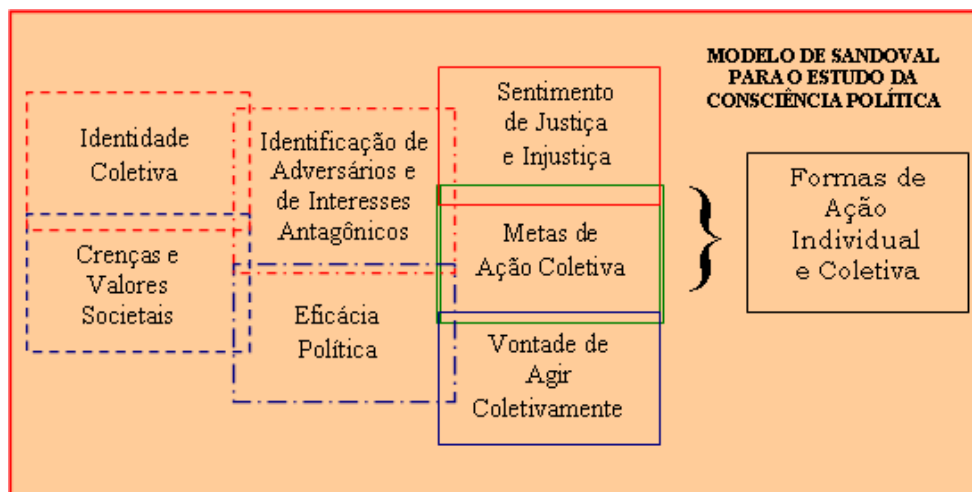
Fonte: elaborado pelos autores.

As seis entrevistas seguiram um mesmo roteiro, do tipo semiestruturado. Dado que o interesse era capturar sentimentos de cunho político, o roteiro foi construído com apoio do Modelo Analítico para Estudo da Consciência Política proposto por Salvador Sandoval (1994). Como representado na Figura 1, o modelo descreve as diferentes dimensões psicossociais que compõem a consciência política de um indivíduo, decompondo-a em sete categorias analíticas: identidade coletiva; crenças e valores sociais; identificação de adversários e de interesses antagônicos; sentimentos de eficácia ou ineficácia política; sentimentos de justiça ou injustiça; vontade de agir coletivamente; e metas ou propostas de ação coletiva³. As entrevistas

³ O modelo analítico proposto por Sandoval (1994) foi posteriormente objeto de revisões, inclusive pelo próprio autor, como em Sandoval e Silva (2016). Para o nosso propósito de utilizar o modelo para roteirização das entrevistas, a versão original foi considerada suficiente. O uso que fazemos do modelo é o mesmo que fizeram Braga e Jayo (2023).

foram conduzidas de modo a convidar o(a) entrevistado(a) a se manifestar em relação a cada um desses tópicos.

Figura 1- Modelo Analítico para Estudo da Consciência Política.



Fonte: Silva (2006) com base em Sandoval (1994).

Feita a transcrição integral das entrevistas, destacamos os principais pontos de convergência e o que mais chamou a atenção em cada uma das dimensões do modelo.

Identidade coletiva

A primeira dimensão do modelo analítico de Sandoval, “identidade coletiva”, consiste no sentimento de identidade, ou de comunidade, experimentado pelo indivíduo em relação ao grupo (ou grupos) de pertença. Em todas as entrevistas, a relação afetiva com o bairro do Bixiga revelou-se como forte aglutinadora desse sentimento.

Thobias se descreve como “filho adotivo” do Bixiga, e declara que nasceu artisticamente no bairro:

Eu tenho uma gratidão enorme pelo bairro porque foi aqui que eu me tornei conhecido nacionalmente e internacionalmente, ele é muito importante. Eu já levei nossa cultura para outros países como China, Coreia, Emirados Árabes, Nigéria. Então eu só tenho a agradecer. (Thobias)

Caio, morador desde que nasceu, identifica-se com o bairro a ponto de sequer imaginar ter que deixá-lo. O Bixiga não é para ele apenas lugar de residência, mas

uma parte indissociável de sua história, e por conseguinte de sua identidade. Isso ele atribui aos modos de sociabilidade tradicionais desse lugar que, apesar da localização central em São Paulo, tem características de “vila onde todo mundo se conhece”:

É o lugar onde eu pretendo ficar pro resto da minha vida, acho que quem é do Bixiga, mesmo que acabe se afastando, como aconteceu com muitas pessoas, acabam tendo uma relação de amor pelo bairro e continuam tendo. Eu acho que a palavra para identificar o Bixiga é amor mesmo. Apesar de ser um bairro do centro, parece um bairro afastado do centro, uma vila onde todo mundo se conhece, se conversa. (Caio)

Esse sentimento de pertencimento e ligação emocional é o mesmo destacado pelos entrevistados Raphael e Antônio:

[Sou] nascido e criado no Bixiga, lugar que posso chamar de minha casa e que não consigo tirar os pés. Nasci e vou ficar até o fim da minha vida, e se puder, na outra vida eu fico também. (Raphael)

Sobre o Bixiga em si, é minha quebrada, é o lugar que eu brigo, moro e tenho orgulho de morar. (Antônio)

Os entrevistados dizem ter dificuldade de destacar uma única memória afetiva relacionada ao bairro, por serem tantas. Liah Belmonte descreve o Bixiga como seu lar, lugar onde ela tem suas redes de afeto e acolhimento, em que se identifica com as pessoas e o jeito de viver:

O Bixiga é um lugar bastante afetivo, não é só o lugar que eu moro, Bixiga é realmente o meu lar, é um espaço que eu me sinto acolhida, em que eu conheço as pessoas, em que eu gosto do jeito de viver, em que eu converso com todo mundo independente de qual papel social essa pessoa ocupa. Eu ia no café, encontrava o Seu Bruno, comia meu bolo de brigadeiro, ou na Festa da Achiropita e depois um espetinho de chocolate com a minha irmã, todos os sambas que eu já fui com os meus pais, cada um deles assim é especial, então pra mim é difícil elencar uma memória assim de um bairro tão único na cidade. (Liah)

O ambiente de “vila” também é colocado em evidência por Adriana Terra, que diz se sentir em um “clima de interior” que poucos lugares em São Paulo podem oferecer:

Caieiras⁴, onde eu cresci, não chega a ser interior, mas tem um pouco desse clima de que eu sentia muita falta em São Paulo. E daí no Bixiga eu vi que tinha um pouco disso, uma dimensão de estar numa cidade grande com centros culturais, cinemas, que é uma coisa que eu nunca tive na minha infância, e ao mesmo tempo ter uma coisa de dia a dia, de rua. E pra mim o

⁴ Caieiras é um município da Região Metropolitana de São Paulo, distante cerca de 35 quilômetros do centro da capital.

centro de São Paulo não tinha isso, era impessoal, me dava um pouco de susto. (Adriana)

Ainda na dimensão da identidade coletiva, nota-se identificação dos entrevistados com o Vai-Vai, que sempre foi forte, mas se viu mais evidenciada por ocasião da expulsão da escola, como ressalta Thobias:

É a preservação da história, que parecem estar tirando pedaços. Com a demolição da quadra do Vai-Vai senti como se tivessem tirado um pedaço de mim. (Thobias).

A identificação com a escola é transmitida de geração para geração, como descreve Caio. Para muitos, a relação com a escola precede e estrutura outros vínculos emocionais e de amizade construídos na vida: é a “maior relação da vida”, como diz Liah:

A minha relação com o Vai-Vai começa na barriga da minha mãe, que desfilou grávida de mim em 1987. Eu comecei a desfilar no Vai-Vai com 6 para 7 anos. Já fui da ala das crianças, fui passista show mirim, fui da bateria, já fui da Comissão de Carnaval e hoje eu sou do Departamento de Cultura da escola. A relação com a escola é eterna, todo mundo que entra no Vai-Vai diz que é uma doença. A gente entra e acaba não conseguindo sair nunca mais, é pior que futebol. Eu sou corinthiano mas se falar mal do Corinthians pode ser que passe batido mas do Vai-Vai não passa (Caio).

Minha relação com o Vai-Vai é a maior relação da minha vida. O Vai-Vai me ensina muito, eu sou apaixonada. É um lugar de aprendizado, de alegria, de tristeza, às vezes também, de raiva e onde algumas das pessoas mais especiais na minha vida eu conheci ali, algumas eu vi falecer, outras eu vi crescer. [...] Era tipo uma magia mesmo, muito especial, único. (Liah)

Como consequência disso, a memória da demolição chega a ser apontada uma das mais tristes da vida, como nos casos de Caio e Adriana:

Foi o lugar que eu cresci, é como se fosse a minha segunda casa. Eu tinha a chave da antiga quadra do Vai-Vai, tenho até hoje. Eu vi ali evoluir desde o tempo que só tinha as paredes e uma lona em cima. A quadra era pequena mas tudo que a gente tinha estava ali dentro e em duas semanas apagaram tudo. O aniversário da Vai-Vai é dia 1º de janeiro e quando eu estou em São Paulo, eu sempre descia na quadra pra conversar com os espíritos da rua do Vai-Vai lá pra dar parabéns, não só eu. Agora a memória mais triste com certeza é a demolição da quadra, na qual eu e muitas pessoas guardam tijolo dentro de casa para relembrar (Caio)

Eu chorei muito quando fiquei sabendo, no dia que eles anunciaram o metrô, lembro que eu fiquei até doente, foi muito louco. Uma coisa somática no corpo, fiquei uma semana meio doente, de raiva e de tristeza. (Adriana)

O Vai-Vai é, enfim, considerado um dos principais pilares de uma identidade do bairro que tende a se enfraquecer. Para Antônio, sem a quadra, o cotidiano do bairro se desconecta da sua história.

Domingo você ia no ensaio e a Bela Vista inteira tava de Vai-Vai, hoje mal você vê, a própria juventude nem sabe o que é Vai-Vai. Acho que o que move um bairro, uma escola, é você sempre estar trazendo os jovens, a próxima geração sempre dando continuidade e aqui você não vê isso. Se você não vê, se você não participa, não tem como você saber o que é. E dessa forma a tendência é sumir, e daqui a pouco o Vai-Vai vira uma escola de burguês, mas a essência do Vai-Vai é preta. (Antônio)

A essência do Vai-Vai é negra, e um componente importante da identidade do Bixiga também o é. A expulsão da quadra torna menos visível esse componente, em detrimentos de outros que continuam visibilizados:

Apesar dessa essência, o Bixiga tem várias identidades, várias formas. Tem a parte da burguesia, tem a parte mais pobre, tem a parte preta, a branca. É um bairro bem diversificado, então acontece muita coisa. As festas são elementos destaques, tem a festa do jazz na Escadaria, que é uma novidade, que quando tem é gigante. Tem a própria Achirópita. (Antônio)

Crenças, valores e expectativas sociais

A segunda dimensão do modelo de Sandoval se refere a “crenças, valores e expectativas sociais”, compreendendo-os como representações sociais. Por meio dela, é possível aferir a existência de resistências a valores “impostos” por meio dos diversos processos de dominação. Aplicada ao nosso caso, a dimensão pode ser conectada à disputa entre a identidade negra presente no Bixiga e outras identidades mais hegemônicas e mais visibilizadas, como a italiana.

Thobias descreve a si próprio como “afro-italo-luso-brasileiro”, como forma de chamar a atenção para o fato de a diversidade cultural ser pouco reconhecida na imagem hegemônica que se costuma ter do bairro:

A miscigenação do bairro é um ponto de destaque também, como eu, que tenho meu lado afro-italo-luso-brasileiro, descendência portuguesa por parte da minha avó, que tinha o sobrenome Oliveira. [...] Como nos séculos XIX e XX, que trouxeram da Europa os italianos aqui pro bairro, os japoneses na Liberdade. Mas alto lá, o Bixiga não é um bairro italiano, é um bairro afro-italo-brasileiro, os negão e os índios já estavam aqui há mais tempo. (Thobias)

Thobias relembra a iniciativa Pastoral Afro no Bixiga, que chegou a fazer um maior esforço de integração entre a cultura italiana e a africana no local:

Uma coisa que eu tenho muita saudade é do Padre Toninho e o início da nossa pastoral Afro, que tinha como objetivo promover a integração cultural entre a cultura italiana, ítalo-brasileira, e a cultura afro-brasileira. Até então a Vai-Vai, como é de cultura afro-brasileira, não era tão integrada na comunidade da igreja Achiropita. E a partir da ideia dele, da fundação da Pastoral Afro, a gente conseguiu quebrar muitos preconceitos. Hoje você vê numa festa da Achiropita, você vê a comunidade negra nas barracas, até então não tinha. (Thobias)

A identidade do Bixiga é multicultural e recebe influências na forma de ondas, como conta Adriana. Nos anos 80, o *rock* também conquistou espaço no bairro do samba, e a esquina das ruas Fortaleza e Conselheiro Ramalho abrigam desde então um dos maiores pontos de encontros do rock em São Paulo, a casa Madame Satã:

A identidade do Bixiga sempre foi bem variada. Eu tenho amigas mais velhas que falam que o Bixiga teve ondas. Nos anos 80 tinha um rolê roqueiro na 13 de Maio e mesmo assim isso não mudou a essência do bairro. (Transcrição Adriana)

Os relatos ilustram como o Bixiga tem diversas faces, embora algumas com mais reconhecimento público. Nesse embate, Adriana acredita que a face italiana passou a ser supervalorizada:

Eu acho que houve uma tentativa de ressaltar a identidade italiana, que existe também, mas é um pouco forçado tentar construir essa como a identidade mais forte do bairro. A influência italiana foi supervalorizada nessa parte de cidade-cenário da 13 de Maio, isso acaba provocando até um possível apagamento da identidade africana. (Adriana)

E além de negros, italianos, e roqueiros, os nordestinos também têm espaço naquele que tende a ser mais reconhecido como o bairro italiano:

E além disso, o Bixiga conta com a contribuição dos irmãos do Nordeste porque o que seria das cantinas sem essa mão de obra? A força do trabalho veio do Nordeste. (Thobias)

Além da italiana e da africana, o Bixiga tem influência de várias culturas nordestinas, pela população que veio ao bairro de 1950 em diante. Cearenses, paraibanos, baianos, pernambucanos, representados pelas casas que servem baião de dois, não só nos restaurantes, mas também nas mercearias, nas casas do norte. Essa identidade nordestina, aliás, também é indígena. (Adriana)

Com a saída da quadra do Vai-Vai do bairro, o problema da sobreposição ou valorização de uma identidade em detrimento de outras é assunto de preocupação geral entre os entrevistados:

Acredito que a influência da escola no bairro já foi muito maior. Antigamente você via as pessoas passeando no período pré-carnaval com fantasia pra cá

e pra lá, as casas viravam ateliês de costura, era aquele envolvimento todo do bairro, não só dos componentes, então isso pra nós faz falta. (Thobias)

A gente não consegue imaginar o metrô passando por cima da Igreja da Achiropita, ou do MASP. Não que eu queira que isso aconteça, mas por que que é tão fácil você tirar uma escola de samba, e outras coisas não. Não é à toa, é interessante para o processo de gentrificação, não é legal para os novos perfis de moradores você ter ali milhares de pessoas ocupando a rua todo fim de semana e ainda mais pobres, pessoas negras. (Liah)

Identificação de adversários e interesses antagônicos

Nas entrevistas é possível identificar dois atores sociais tidos como adversários, antagonizando os interesses daqueles que se vêm identificados com o território: o poder público e o mercado imobiliário.

São interesses do mercado imobiliário acima de tudo, eu acho que toda construção de metrô em São Paulo está articulada com esse interesse, além da própria empresa que está construindo o metrô, né? (Adriana)

Antônio coloca a questão como um embate entre o metrô (representando interesses hegemônicos) e o povo. Raphael e Adriana, por outro lado, ao reconhecerem que a chegada do metrô pode, por outro lado, trazer benefícios de mobilidade para a população, acabam por questionar se não teria sido possível ao poder público promover alguma concertação de interesses:

Onde tem metrô tem interesse, onde tem política tem interesse maior, ninguém quer fazer por bem do povo. (Antônio)

Eu acredito que ter o acesso ao transporte público é algo ideal, mas a construção da 14 Bis não beneficia tanto a comunidade local por não estar cuidando dela, se importando. Acredito que a estação pode ajudar, mas desde que mantenha o que é do bairro, a história que está ali. (Raphael)

Sentimento de injustiça

A percepção de que era possível levar o metrô à região mantendo a presença da escola desencadeia sentimentos de injustiça entre os entrevistados.

É bom ter metrô no bairro pra não ter que andar ou pegar uma condução pra chegar no metrô, mas podiam ter estudado um lugar melhor, porque foi injusto pro Vai-Vai. Vai ser bom pra quem mora na região, vai valorizar, mas pro Vai-Vai foi ruim. [...] E assim passam a ameaçar as memórias do bairro destruindo locais que eram memoráveis. (Antônio)

A falta de debates abertos, de maior abertura para a aproximação das pessoas com o projeto, a fim que todos pudessem refletir sobre suas consequências, é citada por Adriana:

Quando o metrô ainda era um projeto que não dependia da saída do Vai-Vai, eu pensava no meu mundo ingênuo: “nossa, muitos amigos que moram na Brasilândia e são do Vai-Vai vão chegar lá rapidinho”. Eu acho que a população fica um pouco refém da ideia de que é óbvio que isso vai ser positivo, então é injusto nesse sentido. Eu acho que quando você vai implementar algo como o metrô, deveriam ser feitos mais debates abertos com a população, especificar o que isso vai provocar, porque eu acho que muita gente não sabe, não tem dimensão, não refletiu muito profundamente sobre o que vai acontecer. (Adriana)

A injustiça com as memórias da região também é percebida nos critérios usados para definição do nome da futura estação. No anúncio original, ela se chamaria “Estação 14 Bis”, em alusão a uma praça próxima cujo nome não tem relação com a cultura do bairro. Só como resultado da pressão política de um coletivo local (o Movimento Saracura Vai-Vai, do qual falaremos adiante), é que a denominação acabou sendo alterada para “14 Bis/Saracura”, incorporando um nome relacionado à memória e geografia locais. A pressão não teve força suficiente, no entanto, para que o nome Vai-Vai fosse escolhido, o que é lamentado por Adriana:

Para mim, as coisas são pensadas logo de início para que você nem tenha um fio da memória, não é por acaso que o nome da estação ficou como 14 Bis e não como Saracura/Vai-Vai. (Adriana)

Eficácia política, vontade de agir coletivamente e metas de ação coletiva

Estas três últimas dimensões do modelo de Sandoval se entrelaçam nas falas dos entrevistados, e optamos por tratá-las conjuntamente. O sentimento de eficácia política diz respeito à percepção dos indivíduos sobre a sua capacidade incidir sobre a situação vista como injusta. Tal sentimento é essencial para que os indivíduos tenham vontade de agir coletivamente e, por conseguinte, estabeleçam metas para a ação.

Com relação à eficácia política, os resultados mostram um certo grau de desalento dos atores entrevistados. No momento dos depoimentos, com a escola expulsa e a quadra demolida, impunha-se uma percepção de impotência, em última análise de ineficácia política. Uma frase de Thobias sintetiza bem esse sentimento:

Fiquei muito triste, continuo triste, e se houvesse uma possibilidade de reverter eu era o primeiro” (Thobias)

Ao mesmo tempo, apesar dessa evidente impossibilidade de reverter a demolição e o início das obras, um fato novo parece ter catalisado um retorno à vontade de agir: a descoberta, durante as escavações para a obra da futura estação, de um sítio arqueológico com vestígios de um antigo quilombo ali existente, evidência da histórica ocupação negra do lugar.

Em abril de 2021, algumas pessoas do bairro ficaram sabendo que foi registrado um sítio arqueológico no IPHAN, justamente naquela região. A partir daí começou uma articulação para formar um grupo de discussão da preservação da memória, e um monte de gente me envolveu, e começamos o Mobiliza Saracura Vai-Vai. O movimento tem pessoas que acompanham em um grupo de mais de 300 pessoas e os que tem atuação mais intensa estão em 40, 50 pessoas. O grupo é bastante diverso, temos arqueólogos, urbanistas, pessoal do direito, jornalista, historiador, pessoas que moram, que militam, que entendem a importância de estar ali para levantar a bandeira da memória e permanência das histórias que estavam ali. (Adriana)

O Movimento surgiu da vontade de fazer a identidade do bairro resistir a pressões ainda maiores de apagamento, como fica patente na fala de Raphael:

O Bixiga tenta resistir a essa pressão, mesmo que ultimamente tenha dado uma desanimada, principalmente pela retirada do Vai-Vai do coração do bairro, e o que nos resta é divulgar o movimento que está lutando pelo bairro, pela pessoa que mora no bairro, mostrar cada vez mais que tudo é nosso! (Raphael).

O Mobiliza Saracura Vai-Vai é, enfim, um movimento surgido para defender o sítio arqueológico, descrito por Liah como “um bem da União e um patrimônio nosso”. Junto com a defesa da preservação histórica e cultural, o movimento se posiciona contra a gentrificação, buscando defender o perfil sociorracial do bairro e combater novas ondas de expulsão. Há também uma preocupação com a preservação dos modos de vida locais, defendendo um patrimônio imaterial e material que vai além da memória seletiva do Bixiga como bairro italiano. O movimento tem promovido roteiros pelo bairro, para que mais pessoas conheçam as lutas locais e as histórias marginalizadas ou esquecidas na narrativa histórica oficial da cidade.

Sendo assim, o Mobiliza Saracura Vai-Vai, nascido da demolição da quadra da escola de samba e da descoberta dos vestígios arqueológicos durante as obras da Linha Laranja, se consolidou como força de resistência cultural e de ação coletiva.

Considerações finais

A construção da nova estação de metrô no Bixiga representa, sem dúvida, não só um avanço em mobilidade para os moradores e visitantes, mas também o reconhecimento do local como um ponto estratégico para a cidade. Os critérios pelos quais o Bixiga é considerado estratégico, porém, podem suscitar incômodo e dúvidas. Um bairro estratégico para o desenvolvimento da cidade não deveria ter desrespeitada ou desvalorizada sua história e sua contribuição para a narrativa paulistana. Como reflete a urbanista Jane Jacobs, “as cidades têm a capacidade de prover algo para todos, só porque, e apenas quando, são criadas por todos” (Jacobs, 1961, p. 238). A frase da autora aponta para a necessidade de um processo mais inclusivo de construção da cidade, em que as necessidades e vozes das comunidades sejam integradas ao projeto de desenvolvimento.

No caso do Bixiga, isso significaria projetar e construir uma estação que fosse mais que um mero ponto de acesso ao transporte, tornando-se também espaço de valorização da história, integrada aos locais de memória presentes no território – seja a quadra, ou, uma vez ela demolida, o sítio arqueológico. A insensibilidade do poder público por essas questões sem dúvida aproxima a experiência atual do Bixiga de outras já distantes no tempo, como a que relatamos no início do artigo, o que só pode ser visto como frustrante e desalentador.

Se o objetivo deste trabalho era compreender e registrar como a recente expulsão da escola de samba Vai-Vai foi vivenciada pelos atores locais, os achados da pesquisa nos permitem concluir que a percepção deles é de uma perda significativa para a memória e para a identidade local, perda esta que poderia ter sido evitada. As vozes ouvidas deixam evidente o sentimento de injustiça decorrente do descaso que percebem no poder público em relação às particularidades do bairro. A retirada da quadra da escola de samba Vai-Vai, e, mais recentemente, a indiferença demonstrada para com o valor dos achados arqueológicos nas obras da estação 14 Bis/Saracura, mostram a urgência de ações coletivas que pressionem o poder público em prol de uma maior valorização da história, identidade e perfil social do bairro.

Ações que, a depender da vontade de agir da comunidade local, se fortalecerão daqui para a frente. Afinal, o Bixiga é tradição e o samba continua.

Referências

BRAGA, Victoria Lustosa; JAYO, Martin. A memória política de Ermelino Matarazzo: lutas populares e ação coletiva em um bairro da Zona Leste de São Paulo. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 31 n.2, 2003.

FAUSTINO, Oswaldo. Largo da Banana. **Revista Raça**, n. 149, n.p. Disponível em: <https://revistaraca.com.br/largo-da-banana>. Acesso em: 05 fev. 2025.

JACOBS, Jane. **The death and life of great American cities**. New York: Vintage Books, 1961.

SANDOVAL, Salvador Antonio Mireles. Algumas reflexões sobre cidadania e formação de consciência política no Brasil. In: Sink, Mary Jane (Org.) **A cidadania em construção**: uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994, p. 59-74.

SANDOVAL, Salvador Antonio Mireles; SILVA, Alessandro Soares da. O modelo de análise da consciência política como contribuição para a Psicologia Política dos Movimentos Sociais. Em Hur, Domenico Uhng & Lacerda Jr, Fernando. (Orgs.) **Psicologia, políticas e movimentos sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

SILVA, Alessandro Soares da. **Marchando pelo arco-íris da política**: a parada do orgulho LGBT na construção da consciência coletiva dos movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal. Tese (doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SIQUEIRA, Renata Monteiro. **O viaduto e o samba**: o Largo da Banana, urbanização e relações raciais em São Paulo. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.